



VOL  
01

DIÁRIO DE

TRANS

.

BOR

DAS

AMANDA MALUCELLI

#1 - DO SUL AO SUL

DIÁRIO DE BORDO  
#1 - 21 SET - 21 OUT 2017

# TRANSBORDAS

AMANDA MALUCELLI

## PRIMEIRO MÊS TRANSBORDANDO...



Um dos aspectos mais relevantes dessa descoberta é perceber como cada comunidade equilibra o binômio individual & coletivo, não na intenção de vê-los como opostos, mas como perspectivas distintas e interdependentes para um bom e dinâmico equilíbrio =D

Pois é, na minha jornada "individual/coletiva" isso também acontece... fico na dúvida... será que as pessoas querem saber o que se passa na comunidade ou querem também ouvir sobre o que se passa comigo??? Nas escutas que fiz percebi que alguns têm mais interesse em um aspecto e outros no outro... Por isso decidi criar um texto "do lado de dentro" e outro "do lado de nós!" (pois os nós que fazemos parte não estão fora, mas incluem & Transbordam a gente!) Então fique a vontade para seguir direto pra onde seu coração te levar...

**Cidades:** Santa Cruz do Sul (RS), Porto Alegre (RS), Viamão (RS), Bento Gonçalves (RS), Triunfo/Montenegro (RS), Garopaba(SC) e Florianópolis (SC) e Guaporé (RS).

**Comunidades:** Laboratório de Inovação da Mercur, Comunidade do Arvoredo, Morada da Paz, Escola Caminho do Meio, Reserva Passarim, Ecovila São José e grande parte da minha comunidade de Curitiba que encontrei pelo caminho!

## DO LADO DE NÓS...

Eu sempre soube que essa não seria uma jornada solitária, mas jamais desconfiei que ia encontrar a minha rede por aqui, e transbordá-la em novos amigos, tão fortemente como tem acontecido!! Algumas visitas foram planejadas com antecedência - algumas canceladas - outras simplesmente brotaram! Esse início está sendo mais movimentado do que eu planejava, no futuro pretendo passar mais tempo em cada lugar, já que a proposta é vivenciar comunidade e pra isso precisa tempo. Mas está sendo ótimo pra calibrar os pneus, estou encarando como um aquecimento mesmo! Ai vai um breve relato sobre cada uma das visitas e insights...

### 21-22/09 - Lab Mercur - Santa Cruz do Sul - RS

Brinco que essa visita foi o primeiro "bônus cósmico", da viagem, a ideia era ir com a Darlene Rabello Coelho para Santa Cruz do Sul e participar do workshop dela lá. Mais do que isso, me deparei com uma empresa que vive genuína e radicalmente a escolha de se tornar um **Laboratório de Inovação Social**, em espaços circulares de aprendizagem e desenvolvimento humano, que incluem do diretor aos colaboradores de todas as áreas! Aliás, há dois anos a empresa iniciou uma mudança radical de retirada da hierarquia, **abriu as portas para a comunidade literalmente dar pitaco e cocriar produtos que tenham relevância para ela**, no **laboratório de cocriação**, além de inúmeras atividades no **laboratório de aprendizagem** e estão sempre investindo no desenvolvimento das pessoas.



Pensa numa empresa que, você chega, e a roda já está formada, cada um que chega - colaborador ou da comunidade - já pratica Comunicação Não Violenta, Arte de Anfitriar Conversas Significativas, etc... qualidade de presença, humildade e espírito de laboratório definem. Quando questionados sobre a fórmula desse fenômeno, um dos diretores responde "*bom, estamos apenas experimentando, estamos no processo de aprendizagem. Se está dando certo? prefiro que converse com alguns colaboradores...*".

25/09 - Escola Caminho do Meio - Viamão - RS

A segunda visita foi à **Escola Caminho Do Meio**, que fica dentro do CEBB - Centro de Estudos Budistas Bodisatva, comunidade rural em Viamão criada em meados de 1998, onde 66 crianças de dentro e de fora do Centro aprendem no livre brincar **As Cinco Sabedorias: Acolhimento, Igualdade, Investigação, Causalidade e Transcendência**.



**Educar para a Felicidade** é o propósito da escola, mantida pelo Instituto Caminho do Meio, que por sua vez atua em formato de "mandala", conectando a experiência da escola com instituições da comunidade local próxima, como é o caso do **Centro de Desenvolvimento Infantil - CEDIN**, criado em 2012.

Nessa visita tive a alegria da companhia dos amigos Alê Calderado e Vanessa Pinheiro, conversamos com o diretor Manuel Bauer Estivalet, algumas "profes", mães, além de membros da comunidade. Lá encontrei essa dupla relação - da escola e da comunidade - cada uma com movimentos interdependentes e ambas educativas em todos os momentos. Muito bonito de ver =D



<https://youtu.be/II85tdVdEkg>

26-27/09 - Comuna do Arvoredo - Porto Alegre - RS

Aí acontece que a primeira Ecovila da viagem desmarcou minha visita e eu senti que tudo seria assim, incerto e fluido. Logo a Naila - amiga e apoiadora de Porto Alegre - indicou alguns lugares legais de conhecer.

**O Casarão do Arvoredo**, ou Comuna do Arvoredo, é uma comunidade urbana onde vivem 19 pessoas, 18 adultos e um menino lindo de menos de três anos chamado Sidarta. Pessoas que escolheram compartilhar a vida, suas individualidades, ideais e escolhas mais conscientes no meio urbano.

A cola da comunidade a princípio é a visão socioambiental (começou com o movimento ambientalista de uma ONG que ocupava o espaço) e que se manifesta na mini-agrofloresta cultivada nos fundos, onde muros foram quebrados para unir a comuna entre os 3 imóveis alugados.

Os moradores mais antigos, Marcos d Castilhos e Daniel ainda vivem / trabalham por lá e contam histórias sobre as "diferentes gerações" que já passaram pela casa. Um lar cheio de artistas, professores, seres humanos lindos, "galera de humanas" das melhores!!



Nanda - uma das moradoras que me recebeu.

Vejam uma reportagem sobre aldeias urbanas em que eles aparecem:

<http://portoalegre.nossobemestar.com/p.../1180-aldeias-urbanas>

30/09 - Comunidade Kilombola Morada da Paz  
Triunfo / Montenegro - RS.



Eram pessoas de diferentes origens que viviam na cidade de Porto Alegre e formavam um grupo de estudos espirituais chamado Cosmos, em que compartilhavam suas buscas espirituais, de recuperação da sua ancestralidade, cultura e história. Através de uma orientação espiritual decidiram migrar para o campo no propósito de fortalecer a caminhada espiritual do grupo, em meados de 2002. Aos poucos se autp-reconheceram como comunidade kilombola e só depois buscaram reconhecimento da Fundação Cultural Palmares.

A **CoMPaz** integra raízes africanas, indígenas e o budismo mahayana e vivem uma vida de ritos diários e sazonais, alguns deles abertos ao público, como o **programa de "des-formação"**, os **Muzunguês** e os **Encontros Dialógicos**, que trazem temas como língua literatura e história afrodescendente (todos uma vez ao mês). "**Somos uma comunidade de buscadores**", diz BaOgan, cofundador da comunidade.

BaOgan, que é agroecologista e conselheiro gestor da comunidade, conta que um dos maiores desafios ainda é o econômico. Trabalham com o conceito de **Ekonomia Afetiva** e estão em busca de se tornarem autossustentáveis, não só gerando renda com seus próprios produtos, produção e cursos, mas buscando autossuficiência alimentar nos próximos cinco anos. Para isso já estão implantando linhas agroecológicas, cultivando sementes criolas, fazendo reflorestamento no espaço de 4 hectares, têm uma **Farmácia Viva** e o **Plantio Com Vida** (mutirão).

Hoje, dos 20 moradores praticamente metade são crianças e uma minoria dos adultos trabalha para gerar renda fora, o que garante a maior parte da renda da comunidade, o restante vêm de vivências culturais e espirituais, doações e projetos/parcerias. Com essas estratégias estão conseguindo se tornar cada vez menos dependentes do capital, especialmente externo, e buscado atender suas necessidades localmente, com trabalho na terra e ofertas à comunidade externa, que agreguem valor pela valorização da cultura.

Bem articulados, estão registrados como um Ponto de Cultura, o Omorodê e buscam de forma proativa trabalhar em parcerias e redes, como por exemplo: já receberam um projeto de bioconstrução que deu origem ao espaço de vivências; em um projeto de pesquisa com o curso de educação do campo da UFRGS, e outras com o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), a EMATER e o Sindicato Rural de Triunfo-RS, para a construção da estufa. No entanto, em sua leitura, o acesso tanto a alimentos quando ao conhecimento ainda é bastante elitizado.

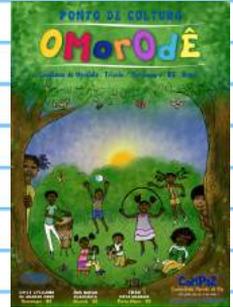
A escola, que está em processo de implementação, chama-se **ComKola** e os educadores são chamados de **EducaMores**. No campo burocrático a autorização do MEC está tramitando, no campo estrutural foram recebidos como recurso quatro *containers* para os quais estão agora em busca de financiamento colaborativo, para transformá-los em espaços de aprendizagem. Já no campo prático, a **Pedagogia do Encantamento** corre solta. Eles já oferecem há nove anos a **Colônia de Férias Curumin O-Madê**, que costuma atrair muitas crianças e o **Ipadê da Juventude** - que usa a tecnologia e linguagens audiovisuais como recursos didáticos para a formação crítica dos jovens.

Nesse projeto, desenvolveram com os jovens a noção de que - mais do que baixar e consumir - eles podem produzir conhecimentos, além de preservar seus patrimônios culturais. Na parceria com o grupo de pesquisa da UFRGS eles estão desenvolvendo jogos com símbolos da cultura afro, e já receberam um prêmio da Fundação Palmares com o **Projeto Abayomi**, e estão em vias de desenvolver muita coisa relacionada à essa educação kilombola - jogos, livros, material didático.

A **Pedagogia do Encantamento** vê a vida como um processo vivo, contínuo e diário de aprendizado, desde o momento em que nascemos, ao longo da(s) vida(s), honrando a sabedoria das crianças e deixando que a vida se desenvolva de maneira mais orgânica, tanto com os 'pipocos' quanto com os adultos. É um método dialógico e circular de aprender e ensinar, que trabalha com os educadores para eles mesmos se permitirem encantar com esse processo construção lúdico, amoroso, de acolhimento e descoberta; o observar mais, ver as possibilidades do ambiente, das crianças, para facilitar o processo do conhecimento com a força de amorosidade, dos vínculos afetivos.

*"Nesse nosso processo de idas e vindas da escola, a gente via o quanto os educadores estavam doentes, tristes. Aqui a gente trabalha muito a questão de que a base da aprendizagem são os vínculos afetivos. Preciso criar esses vínculos, confiar na criança e ela em mim pra poder criar essa condição de troca. Eu preciso conhecê-la e ela a mim. Tu tens que te encantar e encantar o outro. Exalar pelos poros o hormônio do amor pra que as crianças e jovens possam confiar em ti." Yabace, pedagoga e EducaMora da comunidade.*

Yabace lamenta que a escola formal não apresente nem represente sua história. A EducaMora da comunidade conta que, apesar disso, as crianças da comunidade, que são estimuladas à autonomia desde cedo, costumam ser conhecidas na escola por buscar seus direitos e representatividade. Daí a importância de desenvolverem sua própria escola para atender as crianças da comunidade com coerência de princípios. Os jovens também participam de movimentos sociais, assumem protagonismo e estão politicamente estruturados para questionar aspectos econômicos, políticos e sociais.



Quando perguntados sobre sua visão espiritual sobre o momento desafiador no campo político e social que passamos, as lideranças da comunidade acreditam que *"tudo isso que está acontecendo não é algo ruim, mas faz parte de um grande ciclo. É um momento para as pessoas valorizarem aquilo que têm e se organizar de uma forma mais orgânica, confiar nas relações, tecer alianças e redes. Não ficar no 'queixume' e no depender de acesso a recurso público nacionais ou internacionais, não ficar na 'dependência'. Se as pessoas e organizações não se juntarem algumas nem sobrevivem - kilombos, indígenas, professores, educadores, educandos - vamos nos juntar, vamos nos unir!"*

Em Yorubá, existe uma palavra para isso, **Ipèlèjò** significa "ação em grupo".



Veja mais: <https://moradadapaz.wordpress.com/>

O6 - 13/10 - Ecovila São José  
Céu do Patriarca  
Florianópolis - SC



A comunidade existe há quase 30 anos, na verdade em 1989 ela teve início a partir de uma família (Ivana, Carla, Ênio) e amigos (Maria Luiza, Carlos, Neusa, Gilberto, entre outros) que encontraram seu caminho espiritual no Santo Daime e tiveram então a visão de se dedicar a construção de uma comunidade para realizar seus trabalhos e atender as pessoas que chegavam, ou seja, no propósito de **"trabalhar espiritualmente numa egrégora em que as pessoas moram juntas"**. Sua "cola" - ou seja, aquilo que mantém o vínculo comunitário por tanto tempo - é a própria prática espiritual.

A visão de mundo dessa linha espiritual é universalista, ou seja, acolhe e valoriza diferentes tradições, do cristianismo, ao espiritismo, a umbanda e as raízes indígenas latinoamericanas, como no caso da aliança que a comunidade formou com o Caminho Vermelho do México, trazendo vivências como a Busca de Visão e a Dança da Lua, o Temazcal, além dos trabalhos que já realizavam com a bebida indígena do Ayahuaska. Muitos foram os relatos e histórias especiais de como cada morador encontrou seu caminho espiritual, a escolha de viver na comunidade e como foi acolhido por ela.

No atual espaço em Vargem Grande - Florianópolis - estão desde 1992. Entre 2005 e 2007 a vila foi tema de estudo de um formando em engenharia ambiental, Gustavo Câmara Mattos Martins, o que ajudou a comunidade a se considerar de fato uma **"Ecovila"** - um assentamento humano intencional - e foi classificada como de nível 2 - **"a caminho da sustentabilidade"**, ao se cadastrar em 2012 na GEN - Global Village Network - ou Rede Global de Ecovilas.

A sustentabilidade continua sendo tema. Os primeiros moradores tiveram todo o trabalho de abrir caminho com carros de boi, puxar sacos de cimento pelas trilhas para construir suas casas e, enfim, ancorar as fundações dessa comunidade que hoje conta com quase **100 pessoas em aproximadamente 30 casas**. Já na geração seguinte existem pessoas que trouxeram ou formaram suas famílias ali, se dividindo entre trabalhar fora e dar continuidade aos trabalhos e práticas comunitárias. **Praticamente 100% das pessoas em idade ativa ainda trabalham e/ou estudam fora da vila**, o que, por um lado afasta a possibilidade de autossustentação na comunidade, por outro traz recursos e dá uma permeabilidade e uma movimentação interessantes entre o "lá dentro" e o "lá fora".

Conforme a comunidade foi crescendo organicamente foram sentindo a necessidade de formalizar e estruturar processos. Hoje, instituída como uma Associação eles têm Estatuto, Regimento Interno, Plano Diretor, comissões temáticas com orçamentos e fontes de captação separadas. Participantes da associação pagam uma taxa de associado e moradores pagam ainda uma taxa de manutenção.

Entre os momentos virtuosos de participação que proporcionaram autorreflexão e transformação na comunidade, um dos mais citados foi a participação em um programa de desenvolvimento institucional promovido pelo ICOM - Instituto Comunitário da Grande Florianópolis - o **Fortalecer**, que apoiou muitos processos de gestão, finanças, missão, visão, valores até o site da associação. Desse programa surgiram diversos diagnósticos e encaminhamentos e muitas horas de voluntariado foram contabilizadas. Chegou um momento em que, como a prioridade são as agendas de trabalho espiritual, eles se viram com muitas "demandas" organizacionais e ideias de projetos, adicionadas às suas rotinas profissionais e espirituais, então eles decidiram deixar que isso se aquietasse por um tempo, para "viver" mais. Hoje o que se mantém são os Encontros de Fortalecimento uma vez ao mês, sempre na casa de um morador, uma forma celebrativa de conversar sobre o que importa.

Porém, a nova geração que cresceu lá - jovens de 15 a 21 anos - continua trazendo um novo gás para os planos da comunidade e sonha alcançar o nível de sustentabilidade, para que os moradores dependam menos do sustento externo e possam se articular para atender suas principais necessidades ali mesmo. ***"Quando a gente conseguir retribuir o que nossos pais e avós vêm contribuindo com a gente, vai ser o mais legal! Vamos nos sentir ainda mais em comunidade!"*** conta Aurora, 21 anos, a neta dos primeiros fundadores que nasceu e cresceu ali e representa uma liderança natural entre os jovens.

Atualmente estão florescendo novamente movimentos de agrofloresta e compras coletivas puxados por alguns moradores. Que é outro aspecto que chama muita atenção e atrai visitantes e moradores, uma "cola" secundária baseada na visão ambiental. A área de cerca de 90 hectares conta com morros, nascentes, rio, cachoeira e uma vista mais incrível que a outra.



Em termos de educação a comunidade também já teve alguns movimentos. Nunca houve uma escola formal, pois no início não tinha como sustentar essa estrutura, e também eles acharam o movimento de frequentar a escola e ter contato com a diversidade de visões de mundo era uma opção saudável para as crianças.

Dos vários educadores que moram na comunidade, muitos compartilham a visão de "levar a ecovila para o bairro" e ser uma influência positiva nos espaços em que atuam. Alguns em escolas públicas, com oficinas de Educomunicação, como o Rafael e a Jaque, a Cris que me hospedou é professora numa escola Waldorf e a Maria Luiza, uma das fundadoras e atual presidente da associação, está se formando em pedagogia e em suas atividades ela propõe, por exemplo, uma aula baseada na cultura mexicana e uma oficina de bonecas africanas Abayomi em escolas do bairro.

Ainda assim, muitos deles compartilham o sonho de reativar a Oca, um espaço comum da comunidade para convivência e vivências educacionais, para acolher facilitadores de fora e ter um programa de formação contínuo para os moradores de todas as idades, especialmente para trabalhar as dimensões sociais e ecológicas com a comunidade e a internalização dos seus valores, como a valorização da natureza, o compartilhamento da Terra como bem comum a ser usufruído com respeito, o amor, a fraternidade, etc.



Os chamados "padrinhos" costumam dizer que a comunidade é **"uma escola para o amor incondicional"**, o que se confirma quando perguntados aos moradores sobre os desafios, lá está sempre o tema das relações, **"essa é a grande escola"**, em todos os coletivos que visitei até agora.

# INSIGHTS...

**#Insight 1 - Relações e Autorresponsabilidade** - Esse é um desafio constante que vemos em diversas comunidades, o tecer das relações que não só garanta a harmonia, mas que sirva de aprendizagem viva para as pessoas se trabalharem e ampliarem sua consciência. A **autorresponsabilidade** e o comprometimento são temas recorrentes - eu me responsabilizar por minhas escolhas, interações com o meio e com os outros, eu me responsabilizar pelo meu impacto ambiental em vez de culpar "os outros" ou esperar instruções de um "líder"/ chefe/ mestre. São questões que precisam ser trabalhadas às claras, independente da comunidade já ter um alinhamento espiritual que as apoie nisso, pessoas são pessoas. Aliás, quando existe um artefato espiritual, torna-se um risco delicado sublimar os reais conflitos da comunidade, delegando suas soluções para os momentos de comunhão espiritual. A transformação do adulto envolve assumir seu papel autônomo na cocriação da vida.

## Insight #2 - Educar para a Paz

Uma das grandes necessidades da Educação no presente e para o futuro é educar para a paz. Mesmo que não haja e nem precise haver um consenso sobre escola, não escola, qual escola, acredito que todos concordem sobre a importância de educar para a empatia, relações mais amorosas e então para a paz! Nesse sentido, tem sido muito importante me deparar com diferentes visões de mundo, culturas religiosas e espirituais. É perceber que, por maior que seja a diversidade, em algum momento todas elas se encontram nessa intenção e cuidado em tornar o ser humano melhor, mais próximo do sagrado, do divino, ou simplesmente do ético. No Programa Gaia nós estudamos na dimensão visão de mundo - aspecto cultural da sustentabilidade - aquilo que chamamos de "**espiritualidade socialmente engajada**", o que eu entendo como o fim comum das diferentes culturas e tradições filosóficas e/ou espirituais: buscar ser e efetivamente fazer o "melhor", dentro daquilo que compreende como melhor para si, com os outros e na Terra.

Olhar com olhos de aprendiz, criança curiosa que nunca aprendeu o preconceito, perceber que todos colecionamos nossas visões e explicações dentro daquilo que conseguimos acessar como melhor versão das sombras na caverna. Interessa qualquer visão de mundo que compartilhe da intenção de integração, de paz, de igualdade e de união em vez de separação. Aho, Namastê, Amém!

# INSIGHTS...

## #Insight 3 - Alimentos que trazem vida!

Se tem uma coisa capaz de unir seres humanos, mais do que a cola espiritual, mais do que pensar uma nova educação, essa coisa é a comida! A forma como cada cultura se reúne para compartilhar o alimento, qual alimento, isso varia, mas no centro sempre está lá tangibilizada uma expressão nutritiva de nossas relações.

Alimentação é um tema inegável em todos os movimentos que buscam uma nova consciência. Ela se torna cada vez mais central para sustentar a vida e resgatar autonomia sobre nossa vida, aquilo que nos nutre, cura e sustenta, além de elemento educativo para todos.

A maioria dos espaços onde passei adotam uma dieta ovo-lacto-vegetariana, mas calma, não vamos entrar superficialmente nesse mérito, é apenas um dado... e quando isso não acontecia, se falava sobre isso, sobre ESCOLHAS, consciência, origem, justiça social e etc. O que, sim, foi unanimidade até agora foi a preocupação com o alimento que se ingere, que ele seja o nosso remédio e que encontremos as alternativas que precisamos para comer comida de verdade, sem veneno, com o mínimo de industrializados, etc. 100% dos locais ou adotam ou se envolvem em processos de permacultura e agroecologia. Esses saberes que nos mostram cientificamente que é possível sim ter alimento de verdade, no campo e na cidade, e caminhar para a soberania alimentar.

O ponto alto nesse aspecto, onde isso ficou mais forte e confirmado, foi o encontro da Rede Ecovida, núcleo do Litoral Catarinense, em que eu, Ezio e Fer fomos representar o **Instituto Nhandecy** e apresentar a metodologia do **Circuito Econômico Solidário**:



## DO LADO DE DENTRO...

Agora falando do que se passa aqui dentro e as reflexões que ainda estão fermentando por aqui...

Os dias no RS foram inexplicáveis, incríveis e cheios de encontros, sincronicidade. Estar em contato com a minha comunidade e perceber como eu me fortaleço nela, como sou confiante e amada nela, me faz >>> as vezes<<< me duvidar no individual... seguir viagem sozinha e pensar que sozinha eu sou tão capaz de criar essa sinergia e acessar as mensagens do campo, quanto eu sou com el@s é o desafio pra mim!



Entrei em contato com medos (bobos e antigos), aqueles que eu me lembro como se fosse ontem, de quando eu era criança e tinha medo de falar com alguém novo, vergonha das outras crianças... aquela timidez inútil que nos impede de viver mais experiências e chegar mais longe... Aí quando cheguei aqui na Ayni (tema do próximo capítulo) qual era o convite? Encontrar com a criança interior!

Com isso vieram tantas inseguranças e dúvidas... será que estou fazendo algo relevante mesmo? E se o tempo passar e nada acontecer? nenhum insight? nenhuma relevância? E se as comunidades não entenderem a minha intenção e não enxergarem valor na minha presença? E se eu for mal interpretada por todos? e se eu desperdiçar tempo, recursos e sonhos???

O elemento espiritualidade tem ficado tão presente na pesquisa, e aí entrei em contato com um medo enorme de tocar em tabus e conflitos com a minha família por eu estar entrando em contato com diversas religiões e crenças da qual ela não compartilha.

Tentando equilibrar tudo isso respirando, meditando e me conectando frequentemente com a intenção e o propósito originais!

## DO LADO DE DENTRO...

E, falando em pesquisa, se é que posso arriscar alguns traços de conclusão...

O que está ficando de aprendizado pra mim nos últimos contatos é o cuidado e a importância do vínculo que se cria em cada comunidade. Já tinha experimentado isso trabalhando com projetos sociais, existe uma cautela da comunidade - com razão muitas vezes - de que haja uma contrapartida genuína. Nenhum vínculo que se cria é a toa. O cuidado a lealdade o compromisso com cada comunidade ao se criar um vínculo que não acontece de uma hora pra outra e depois o cuidado a honrar essa história. Por conta disso eu não tenho me sentido sempre a vontade em tirar fotos, filmar e expôr. O meu cuidado está sendo criar vínculo no tempo que precisar em cada comunidade e ecovila e o registro será proporcional a esse vínculo. E depois do projeto, levo o compromisso de compartilhar.

Como essas primeiras foram visitas muito rápidas e não havia possibilidade de muito tempo de visita e nem a criação de muito vínculo antes. Em outras eu quero ter criado o mínimo de vínculo antes e quero demorar um pouco até sacar a câmera fotográfica. Pra que eu fique firme na minha intenção de primeiro vivenciar depois relatar. Me dou conta que essa é uma questão que vem pra mim desde o ensino médio, na primeira ação social proposta por um professor em um orfanato, e ouvir questionamentos de "Porque tirar foto, só pra aparecer?". Sabendo que eu sempre soube da minha intenção, mas com uma vontade genuína de entrar em contato com essas realidades, que isso possa ser honrado e que eu possa estar muito íntegra com a minha intenção genuína e criar relações de confiança! Aho!





**AMANDA MALUCELLI**

DIÁRIO DE TRANSBORDAS #1